

O RELATO INSURGENTE DE ZEFERINA DO QUILOMBO DO URUBU

¹Davi Nunes

RIMANCE



FICHA TÉCNICA

Autor: Davi Nunes

Ilustração: Daniel Santana

e-mail: ungareia@gmail.com

Telefone: 9869-35750

Blog: ungareia.wordpress.com

<https://www.facebook.com/davi.nunes.96>

¹ Davi Nunes é mestre no Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagem- PPGEL/UNEB, poeta, contista e escritor de livro Infantil. Publicou os livros Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula (2019) e Zanga (2019)

O RELATO INSURGENTE DE ZEFERINA DO QUILOMBO DO URUBU

I

O meu nome é Zeferina,
eu vim ²*vunje* para cá,
presa ao colo de mãinha
no negreiro sobre o mar,
gritei e pedi aos ³*inquices*
poder para guerrear.

A viagem foi com banzo,
espremendo a espinha:
navio de ⁴*muzungu*-branco,
caixão que preta(o) morria.
– Calma. – mãinha falava:
– Pro seu povo será rainha. –

Eu a escutava, via
sua beleza e bondade.
O denço que ela me fazia
me enchia de coragem
pra fazer virar o mundo
diante de tanta maldade.

Já do mar, vi Salvador,
senti dor e calafrio,
a terra que era minha,
Angola, está longe, sumiu.

² Vunje é inquite, palavra/ da nação congo angola/ e aqui, neste cordel/ criança é o sentido dela.

³ Inquices são divindades/ advindas dos cultos bantos./ Em nagô, são orixás / de mistério e encantos.

⁴ Muzungu, segundo Nei Lopes/ no seu *Dicionário Banto/ designa, na língua Suaíle,/ a pessoa, o ser branco.*

Eu tive medo, tive zanga,
busquei fazer meu caminho.
E no solo desta terra
quando eu pisei primeiro
senti as garras do mundo
me aprisionar, fuleiro!
Tiraram mãinha de mim,
foi um horror o cativoiro.

O ⁵calundu foi tão grande
que apertava o coração,
meu choro, gosto de sangue,
escorria com aflição,
mas logo me apareceu
um pássaro, uma aparição.

Era o grande urubu rei,
o pássaro mensageiro,
que estava no galho de uma árvore
e me disse bem ligeiro:
– Zeferina tu é rainha
precisa reunir guerreiros. –

Voou para perto de mim
e com olhar de ⁶*griot* me disse:
– No centro dessa cidade
no subúrbio da mata virgem
irá fazer o seu quilombo
criar uma nova origem. –

⁵ Calundun é uma palavra/ que vem da Língua Quimbundo/ e aqui significa tristeza/ uma tristeza do mundo.

⁶ Griot são mestres africanos/que transmitem e preservam histórias/ os feitos dos seus povos/as canções e as memórias.

O pássaro encantado voou,
falou que ia pra Luanda,
levar preces, orações
duma quilombola bamba
pra conseguir o àse,
cura que vem de ⁷Aruanda.

Eu logo compreendi
o pássaro sabedor,
conspirei com calma a fuga
na manha do jogador,
juntei com outras ⁸malungas,
com meu povo lutador.

Na dinâmica da fazenda
eu fiquei esperta e via
a soberba do senhor
que matou um ⁹bundo um dia.
No outro, eu organizei
a fuga com sabedoria.

Disse pra todas malungas (os)
que seria mais pra noite,
as armas já estavam guardadas
pra feitor receber açoite,
dei a ordem com o sinal

⁷ Aruanda é morada/dos inquices, entidades./ É o paraíso perdido/ a espiritualidade.

⁸ Malungo(a) é igual a camarada/ ou mesmo companheiro(a)/ É do quimbundo, quicongo/ Pode ser o mesmo que parceiro(a).

⁹ Os Bundos são o segundo maior grupo/ etnolinguístico de Angola./ Eles são ambundos e quimbudos/ e no Brasil fizeram história.

tudo ocorreu meia-noite.

Lutamos com dez feitores,
eles foram derrotados,
a casa grande e o senhor
queimou – foi os bundos retados.
Eu segui com as malungas,
fomos para outro lado.

Corremos léguas e léguas,
chegamos numa floresta.
Danda me disse: – Cabula
é o nome que manifesta,
é a terra dos ¹⁰*Kimbulas*
povo de guerra e de festa. –

Cabula, me lembrou mãinha,
apertou meu coração.
Danda me olhou, eu disse:
“Vamos seguir o estirão.”
O urubu passou voando,
eu fui em sua direção.

Fomos mais pra dentro da mata,
em seu subúrbio profundo.
O guia seguia, no céu,
em ziguezague agudo,
pousou numa árvore gigante,
chegamos num outro mundo.

¹⁰ Kimbula é uma palavra/ de origem banto quicongo/ e aqui virou Cabula/ que já foi um quilombo.

Tinha muitas cachoeiras,
Oxum se encontrava em tudo
e uns índios tupinambás
tão guerreiros e sisudos,
nos unimos pra lutar,
formamos uma só tribo.

O urubu rei me mostrou
o lugar para os mocambos,
dava pra capitão não ver
e fazer os escambos.
Por isso, falei pra todos(as):
– Vamos construir o quilombo!

Pilamos o barro cantando
para nossos ancestrais.
As varas, a floresta nos deu,
elas eram fortes demais.
Assim, erguemos mocambos,
sentimos um pouco de paz.

Dessa forma, fui crescendo
sem ter medo nenhum,
contra *muzungo*, branco,
tinha zanga, calundu.
Por isso, me tornei a guerreira
do Quilombo do Urubu.

Juntei guerreiros e guerreiras
para fazermos armadilhas:
estrepes e fundos falsos,
bambus apontados em pilhas
pra pegar *muzungo* escroto
que viessem em nossa trilha.

Eu ficava sempre de espreita,
pantera de ataque certo.
Uma flecha, era o fim
do escravocrata treteiro
e suas armas ficavam
pro meu povo guerrilheiro.

O quilombo ficou forte,
poderoso, eu sei disso.
E eu tinha um grande plano:
primeiro, acabei com o fuxico.
Depois, marquei com os ¹¹nagôs;
o meu plano era de risco.

Encontrei com alguns deles,
disse: “vamos nos unir,
chegou a hora da guerra,
juntos podemos por fim
à escravidão, aos castigos,
a esse cabrunco ruim.”

¹¹ Os Nagôs são os Iorubás./No Brasil chegaram/Jogaram os Ifás/ Lutaram contra a escravidão/ recriaram, por aqui/
o candomblé dos orixás.

Aí, expliquei mais o plano:

“Vejam bem a verdade
no dia 25
quero invadir a cidade,
acabar com todos eles,
dar ao povo a liberdade.”

25 era natal

e os nagôs entenderam o plano:
Gritaram: – No dia 25
vamos acabar com esses cicranos
voltar a ser livre
somos o povo africano. –

O plano seguia bem,
tudo muito acertado,
mas no dia 17
aconteceu algo errado:
seis capitães do mato
no Urubu, surgiram armados.

Eles atiraram na gente,
eu fui com os malungos pra guerra.
Acabamos com três deles,
outros três fugiram, à vera,
e isso foi muito ruim:
souberam das nossas terras.

Os malungos e as malungas
comemoraram a vitória,
eu não estava feliz,
sabia que vinha mais história:
a tropa de Pirajá
apareceu com pistolas.

Ficamos de frente pra eles
com suas armas de fogo,
fogo que era o da morte,
da morte do meu povo.
Olhei para o capitão,
vi sua face de lobo.

Eu estava no meio de todos (as)
e disse: “não tem fraquejo.
Se for pra morrer, morremos.
Morreremos sem medo.”
Aí, surgiu o grito pra a guerra:
“Morra branco, viva negro!”

Na guerra se ganha e se perde
e eu guerrilhei desde menina
no ¹²Quilombo do Urubu
contra a escravidão, fui ferina.
E, hoje, todo mundo conhece
meu poder, sou Zeferina.

¹² O quilombo foi destruído/Em 1826/mas ninguém se esqueceu/do que Zeferina fez.
Ele se localizava/onde até hoje tem zunzum/ no cabula, no subúrbio/ ainda aparece brucutu.

